

**DESAFIOS DA PESQUISA QUALITATIVA: UM PERCURSO
METODOLÓGICO INICIAL**

Paula Baracat DE GRANDE
(Orientadora): Profa. Dra. Angela B. Kleiman

RESUMO: Discuto, neste artigo, aspectos de meu percurso de pesquisa utilizando a metodologia qualitativa ou interpretativa, a qual parte do pressuposto de que o mundo social é constituído por múltiplos significados que o homem constrói (Moita Lopes, 1994). No desenho de pesquisa adotado, em que uma grande quantidade de dados é gerada, surgiram duas questões que abordo neste trabalho: como fazer uma observação participante que faça mérito à complexidade do mundo social e como achar o dado relevante, ou seja, como extrair um corpus do mar de dados que o complexo desenho de pesquisa gerou? Assim, tento responder a essas questões recuperando e discutindo meu percurso durante a etapa de geração, coleta e seleção de dados no contexto de um curso de formação continuada, *Ler para Aprender*, do programa Teias do Saber, em que levantei dados pela observação participante, tendo como objetivo contribuir para a reflexão sobre a formação de professores.

Palavras-chave: letramento do professor, metodologia qualitativa, observação participante, formação continuada.

Apresentação

Pretendo, neste trabalho, apresentar e discutir duas questões relacionadas ao enfoque metodológico utilizado em meu projeto de Iniciação Científica, intitulado *Conhecimento Acadêmico e formação continuada de professores: dos conceitos científicos à prática de sala de aula*, financiado pela Fapesp e orientado pela Profa. Dra. Angela Kleiman. A metodologia se situa dentro do paradigma qualitativo de pesquisa, o que implica que o pesquisador acredite no mundo social como constituído pelos vários significados que o homem constrói sobre ele (através da linguagem nas relações e interações) e no acesso aos fatos do mundo social através da interpretação desses vários significados que os constituem (Moita Lopes, 1994:331). Nesse paradigma, considera-se a pesquisa interpretativa como a única maneira de entender os significados construídos sobre/no contexto social pelos participantes de uma situação, na qual a presença do pesquisador está incluída. As duas questões são: i) como realizar a entrada no campo de pesquisa sem perder sua complexidade?; ii) como formar um corpus para minhas questões de pesquisa a partir da grande quantidade de dados que a adoção dessa metodologia gera?

O objetivo do meu projeto de pesquisa é contribuir para a reflexão sobre os cursos de formação continuada, visando a compreender como o professor aprende conceitos científicos e como os mobiliza na sua prática profissional. Especificamente, pretendo investigar o impacto das discussões dos encontros de formação continuada na prática profissional dos professores.

O contexto para a elaboração de um corpus cuja análise me permitisse a consecução desse objetivo configurou-se em dois cursos de formação continuada de caracteres diversos oferecidos pela equipe do Grupo Letramento do Professor: o curso *Ler para Aprender*, oferecido no contexto do programa Teias do Saber do estado de São Paulo, e o curso semi-presencial *Letramento nas séries Iniciais*, do Centro de Formação Continuada de Professores do Instituto de Estudos da Linguagem (CEFIEL) pertencente à Rede Nacional de Formação Continuada do MEC, nos quais realizei levantamento de dados para a base do Banco de dados do mesmo grupo. Nesses contextos, foi gerada uma grande quantidade de dados, o que deu origem ao problema de como lidar com essa abundância. Isso se mostrou um desafio, porque, se por um lado é preciso interpretar os dados conforme às minhas questões de análise para que a minha pesquisa seja viável, também é importante, e difícil, não perder a complexidade dos contextos em que eles foram gerados, não simplificar as situações de ensino as quais são fontes do corpus e não esquecer o papel político que a pesquisa tem sobre os sujeitos pesquisados, no caso, professores em formação continuada.

Os desafios da metodologia qualitativa

A pesquisa qualitativa, ou interpretativa, segundo Mason (1998), está preocupada em como o mundo social é interpretado e experienciado, entendido e produzido, baseando-se em métodos de geração¹ de dados flexíveis e sensíveis ao contexto social em que o dado foi gerado. Segundo a autora, esse processo de geração de dados exige do pesquisador capacidade de pensar e agir estrategicamente, ao combinar preocupações intelectuais, filosóficas, técnicas, práticas e éticas para estar consciente das decisões tomadas e suas conseqüências.

Esse paradigma de pesquisa apresenta certas dificuldades e desafios que não encontramos no paradigma de pesquisa positivista, considerada por muitos

¹ O termo “gerar” dados vem da perspectiva da pesquisa qualitativa que acredita que a pesquisa é uma atividade subjetiva “já que é entendida como um modo particular de organizar a experiência humana por meio do discurso, sendo, portanto, uma construção social” (Miota Lopes, 1994:333). Assim, os dados não são retirados prontos, não são algo dado e objetivo, pois essa metodologia pressupõe uma atividade de geração e interpretação por parte do pesquisador.

a única maneira legítima de se produzir ciência. Esta, ao acreditar na possibilidade de ver o mundo social independentemente do homem e os fatos desse mundo como passíveis de generalizações e padronizações, pode analisar os dados prontos, acabados e fora de seu contexto (Moita Lopes, 1994:332). Para o pesquisador interpretativista, a padronização dos fatos do mundo social e a redução da realidade a uma causa é uma distorção da realidade criada pela investigação científica (Moita Lopes, 1994:332).

A pesquisa qualitativa é situada, tenta apreender a realidade complexa e as várias vozes que constituem o mundo social. De acordo com Moita Lopes (1994), para isso devemos considerar o envolvimento de questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade. Dentro dessa perspectiva, Mason (1998) afirma que essa metodologia de pesquisa deve ser conduzida como uma prática ética e com olhar voltado ao contexto político-social da prática da pesquisa ao pensar no potencial emancipatório que esta pode ter. Dessa forma, a pesquisa pode vir a proteger os grupos dos menos poderosos, dos mais pobres, dos menos escolarizados, no sentido de tomarmos cuidados para que os resultados de pesquisa não sejam utilizados para contribuir à desvalorização desses grupos (Kleiman, 2002:198).

Considerando essa perspectiva de pesquisa, é necessário um esforço constante para perceber e levar em conta o contexto de geração de dados e suas mudanças, principalmente quando selecionamos e interpretamos os dados, já que essa atitude pode fortalecer o grupo focado na pesquisa, no caso, os professores de Ensino Fundamental, como pode corroborar para a imagem comum que se faz dos professores como sujeitos despreparados para exercer sua profissão. De acordo com Kleiman (2002:199), ao considerarmos o processo de pauperização e desvalorização do professor, em curso já há algumas décadas é

“inegável que a pesquisa em sala de aula (que, bem intencionada, visa contribuir para a formação do professor) tem contribuído para essa desvalorização, concluindo ou arrematando um processo iniciado pela burocracia governamental (seja da prefeitura, do estado ou da federação) e constantemente aliciado pela mídia. Mas é possível reverter esse processo, desde que se assuma um posicionamento político crítico, como parte integrante, inseparável da questão ética”.

Apesar dos desafios da pesquisa qualitativa, ela é uma opção inescapável, porque tem a ver com os modos com que o pesquisador se relaciona com o mundo, como ele vê a sua função. Como a pesquisa qualitativa aspira à compreensão de dados complexos, contextuais e detalhados, o pesquisador deve estar atento às mudanças dos contextos e das situações em que a pesquisa toma espaço tentando sempre ter uma postura auto-crítica, o que, por sua vez, implica

ter em mente que não é possível o pesquisador ser neutro e afastado do conhecimento ou evidência que está produzindo. O pesquisador trabalhando no paradigma qualitativo assume que as descrições e explicações envolvem um ponto de vista seletivo e uma interpretação. Por isso, é importante realizar esta reflexão em minha pesquisa em relação à adoção de uma postura auto-crítica e sensível aos contextos em que gerei dados, pela própria dificuldade dessa empreitada: não é fácil nem simples tentar interpretar o mundo social (ou parte dele) tal como ele se apresenta, sem cair num total subjetivismo ou sem ficar apenas no senso comum. Como já indiquei, isso não é simples quando estamos envolvidos nesse processo, pois as questões a que devemos estar atentos são muitas, de todo tipo: de ordem ética, política, social, intelectual e prática.

Um dos métodos de geração de dados utilizado por mim dentro da perspectiva qualitativa de pesquisa é a observação participante. Segundo Mason (1998), a observação participante é um método de geração de dados que envolve o pesquisador imergir-se num quadro ou cena de pesquisa e, sistematicamente, observar as dimensões, interações, relações, ações e eventos dessa cena. Parte-se do pressuposto de que o conhecimento ou evidência do mundo social pode ser gerado pela observação, ou participação, ou experiência das cenas da “vida real”, em situações interativas. Tal posição é baseada na premissa de que esse tipo de situação, que envolve interações, revela dados e possibilita ao pesquisador ser não só um observador, mas também um experienciador, um participante e um intérprete desses dados, o que pode propiciar a ele uma posição de “conhecedor” das particularidades da situação.

De acordo com Haguette (1987:60), não há um consenso na definição de observação participante nas Ciências Sociais. A autora retoma alguns trabalhos que tentaram definir o método, os quais se complementam. Alguns desses trabalhos, como o de Schwartz e Schwartz, (Haguette,1987:63), ressaltam a inevitabilidade da interferência do observador na estrutura social, o que possibilita a introdução de mudanças sociais, sem que a intervenção seja incompatível com a objetividade da coleta (ou geração) de dados. A autora afirma também que a observação participante surgiu devido a configuração de novos problemas sociais que as metodologias positivistas não conseguiam abarcar em toda sua complexidade (1987:67).

Esse método apresenta algumas dificuldades para uma pesquisadora iniciante como eu, pois ao estar presente no contexto de pesquisa, no caso, a sala de aula de um curso de formação continuada, deparei-me com situações em que minha participação era requisitada ou questionada pelos outros participantes. Vou relatar dois tipos de situações que dizem respeito à suposta “neutralidade” do pesquisador. Por exemplo, muitas atividades eram feitas em pequenos grupos. No início, não sabia se devia ficar fora dos grupos, só observando, ou se deveria participar de um grupo de discussão, pois não tinha

certeza se estaria interferindo demais na geração de dados, tornando-os “impuros”. Nota-se que a dúvida aparecia porque somos muito arraigados na tradição positivista de pesquisa, em que a representação de ciência é aquela atividade “objetiva”, neutra. Optei por participar dos grupos, o que possibilitou uma riqueza de dados ainda maior, diferentemente do que eu previa antes de fazê-lo, porque me permitiu aproximar-me dos sujeitos e conhecer as interações entre eles naquele contexto de aprendizagem e reflexão, contribuindo para minha percepção da complexidade daquela realidade social. Um outro desafio no início do processo foi descobrir o que relatar das situações em que estive presente, pois as interações ocorrem mais rapidamente do que o olhar do pesquisador e, às vezes, é complicado conseguir perceber todos os aspectos de um dado contexto social. Era necessário decidir o que registrar, pois, por exemplo, enquanto o formador explicava alguma coisa, os professores-alunos comentavam entre si suas experiências. Acabei privilegiando a fala do formador, o que talvez reflita minhas próprias concepções de quem é a mais importante personagem na sala de aula (o que também é arraigado, ideológico).

Uma vez que insiro minha pesquisa no paradigma interpretativista, não é possível simplificar seu desenho: o fato de observar contextos reais de aprendizagem gera uma enorme quantidade de dados, complexos e intrinsecamente relacionados. Um exemplo desse montante de dados é o corpus do curso presencial *Ler para aprender*, do programa Teias do Saber, com 64 horas de duração, que é um dos objetos de pesquisa do grupo a que pertença. O programa Teias do Saber é uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e visa à formação continuada de educadores da rede estadual de ensino. O curso tinha como professora coordenadora a Profa. Dra. Angela Kleiman e seis professores-monitores responsáveis pelas aulas de quatro turmas de professores atuantes no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Cada turma era constituída por, aproximadamente, 30 professores-alunos, número que se alterou no final do curso, devido a evasões. O curso foi dividido em dois módulos, cada um com quatro aulas de 8 horas e um dia de encerramento, com avaliação do curso e apresentação de projetos de leitura elaborados pelos professores-alunos para serem desenvolvidos em sala de aula.

Antes do início do curso, foi feito um planejamento geral pelo coordenador e monitores, o que passou a constituir o primeiro documento desse curso². Como um dos objetivos era contribuir para o acervo do professor, para a primeira aula, por exemplo, foram levados 20 textos que poderiam ser usados pelos professores. A cada encontro, os monitores levavam mais textos para formar esse acervo. Além destes, havia também os textos formadores, a

² Os editais e outros documentos da Secretaria de Educação do Estado são dados que, em princípio, podem vir a fazer parte também do corpus a ser formado.

bibliografia do curso, consistindo de trechos ou capítulos de textos previamente selecionados para leitura.

Ao acompanhar o curso, tive acesso aos planejamentos específicos, elaborados a cada aula do curso pelos monitores, os quais davam origem a um roteiro a ser seguido em cada uma das turmas. Cada roteiro incluía atividades de leitura, de discussão, de trabalhos em pequenos grupos, de reflexão conjunta, de exemplos de atividades para sala de aula. Esses roteiros possibilitam saber o que ocorreu (ou o que era esperado que ocorresse) durante o curso e qual foi a seqüência dos acontecimentos, o que os torna importantes para a constituição do corpus de pesquisa. Na realização das atividades dos roteiros, os professores foram solicitados a produzir textos orais (gravados e transcritos) e escritos (copiados e escaneados) também incorporados ao Banco de dados, tais como: (a) debates sobre um texto lido ou sobre questões de sala de aula; (b) pequenos relatos sobre suas práticas e experiências em sala de aula; (c) planejamentos de aulas a serem dadas; (d) discussões com os monitores sobre questões abordadas; (e) bilhetes sobre textos acadêmicos lidos no curso; (f) perguntas aos monitores, (g) auto-avaliações e avaliações do curso, (h) definições de alguns conceitos científicos, (i) projetos de leitura (a serem aplicadas com os alunos).

Um outro conjunto de dados que pasou a integrar o corpus foram aqueles gerados pela minha observação participante e das minhas colegas de Iniciação Científica, durante 7 dias (56 horas), em 2 das 4 turmas. As aulas em que estivemos presentes foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Após cada observação participante, eu elaborava diários de campo sobre os acontecimentos do dia em uma das turmas, no qual registrava também as impressões que tive. Minhas colegas também produziram diários, os quais eram compartilhados entre as três pesquisadoras. Os diários são instrumentos metodológicos que me propiciam revivenciar as situações, tomando uma posição de auto-crítica sobre meu uso desse instrumento e, ainda, servir de contraponto os outros dados gerados. Por isso, os diários constituem outro conjunto de dados que fornecem uma outra perspectiva do que ocorreu no curso³.

³ Os diários, as transcrições, os roteiros das aulas e os textos escritos pelos professores-alunos, por serem diferentes perspectivas do que acontece no curso, constituem a triangulação de dados da minha pesquisa. Esse processo de triangulação contribui para que pesquisas qualitativas não caiam em interpretações subjetivista delirantes, sem levar em conta o mundo social.

Nesse mar de dados, como encontrar o relevante?

Nessa parte, abordarei a questão dos dados, que entendo por todas as informações levantadas e armazenadas, as quais vão para o Banco de dados, dos quais extraímos o corpus para o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa. Extrair um corpus para poder responder minhas questões de pesquisa dessa quantidade de dados constitui talvez a maior dificuldade de todo o processo de pesquisa. Assim, algumas questões surgiram nesse estágio de seleção: como achar o dado relevante nessa imensidade? Ou seja, como decidir se esse dado é significativo? O que me guia nessa busca? Para dar início a esse processo de seleção de dados, é preciso considerar a relevância destes para o objetivo principal do meu projeto: tentar determinar qual o impacto desses cursos de formação continuada na formação desses professores.

Já que estou envolvida no próprio processo de formação do Banco de dados, assim como no tratamento de alguns deles, gerados em situações de produção textual (oral e escrita) por parte dos professores - posição esta privilegiada - pude conhecer o conjunto total dos dados antes de visar às minhas questões de pesquisa - visto os objetivos do meu projeto: analisar os textos produzidos pelos professores-alunos para entender como aprendem conceitos científicos lingüísticos, objetivando contribuir para sua formação.

Assim o corpus para minha investigação é constituído pelas retextualizações⁴ dos professores-alunos em que retomam conceitos científicos trabalhados durante o curso, pois, ao se basear em outros textos na produção das retextualizações, os professores-alunos interpretam os textos formadores, revelam como os compreendem e mostram como pensam em utilizar esses conceitos em suas práticas.

Passei a buscar, então, textos em que o conceito científico de letramento e mais três relacionados a ele - leitura, escrita e alfabetização - eram apresentados pelos monitores, discutidos por todos ou retomados pelos professores-alunos. Priorizei, para constituir meu corpus, dados que tiveram mais relevância dentro dos contextos de pesquisa e para a formação dos professores, como os projetos de leitura elaborados pelos professores-alunos, que fecharam os dois módulos do curso para avaliar o que cada um aproveitou do curso e o que mobilizou para a sua sala de aula. Esses projetos de leitura foram apresentados oralmente pelos professores-alunos. Considero essa atividade - planejar aulas de leitura - como um catalizador e detonador de atitudes, práticas, mudanças dos professores-alunos: é nos projetos de leitura, e na apresentação oral destes, que percebo a

⁴ Entendo por retextualização o processo de produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, envolvendo os fenômenos da intertextualidade e da interdiscursividade. (Matencio, 2002)

reflexão dos professores sobre o que foi discutido no curso, sobre como apreenderam os conceitos e sobre suas próprias práticas, como também suas resistências a alguns conhecimentos a que tiveram acesso no curso.

Isso está sendo possível, pois muitas das produções têm como proposta pensar na sala de aula. Procuo trechos que envolvam retomadas dos conceitos científicos já citados trabalhados no curso, particularmente as expressões metafóricas que os conceitualizam. Tais metáforas serão objeto de análise lingüístico-discursivo, focalizando as operações semânticas envolvidas na retextualização dos conceitos: como eles são definidos, explicados, exemplificados, em fim, transformados pelo professor.

Considerações Finais

Concluindo, a pesquisa qualitativa procura a compreensão do mundo social, constituído por significados que são construídos pelo homem, o que faz com que a realidade não seja única e acabada, mas sim múltipla e complexa. É essa natureza complexa do mundo social que a pesquisa interpretativa não apaga, ou seja, o paradigma qualitativo não almeja a uma categorização do real como um fato acabado.

Tentei mostrar que, com a configuração da geração de dados possibilitada pelo paradigma qualitativo, a pesquisa se torna mais completa, mas também cria desafios ao pesquisador. Por gerar, inevitavelmente, uma grande quantidade de dados, é preciso a intervenção do pesquisador para selecionar o corpus que interessa aos objetivos de pesquisa, sem deixar com que a complexidade do mundo social se perca, que é a grande dificuldade das pesquisas que usam abordagens metodológicas adequadas para retratar cenas da vida social a fim de analisar os usos, funções, características da linguagem nessas cenas. A questão é fazer tudo isso sem perder de vista que estão envolvidos sujeitos sociais fragilizados em processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHEVALLARD, Y. (1991). *La transposition didatique. Du savoir savant au savoir enseigné*. Grenoble: La Pensée Sauvage.
- HAGUETTE, T.M.F. (1987). *A observação participante*. In: Metodologias Qualitativas na Sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KLEIMAN, A. B. (2005). *As metáforas conceituais na educação lingüística do professor: índices de transformação de saberes na interação*. In: Kleiman, A. B. e Matencio, M.L.M. (orgs.) Letramento e Formação do professor. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- _____. (2002). "A interface de questões éticas e metodológicas na pesquisa em *Lingüística Aplicada*". In: SILVA, D. E. G. E VIEIRA, J. A. Análise do discurso:

- percursos teóricos e metodológicos. Brasília: UnB. Oficina Editorial do Instituto de Letras; Editora Plano.
- LAKOFF, G. E JOHNSON, M. (1998). *Metáforas da vida cotidiana*. Cátedra.
- MOITA LOPES, L.P. (1994). *Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução*. In: DELTA, Vol 10, nº2, p. 329-338
- MASON, J. *Qualitative Researching*. (1998). London, England: SAGE Publications.
- MATENCIO, M.L.M. (2002) *Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo*. Texto apresentado no II Simpósio Internacional de Análise do Discurso, UFMG.